

NIRVANA (IN ÚTERO)

RECONTADO POR DANIEL FURUNO



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Nirvana
IN UTERO
recontado por
DANIEL FURUNO

JULHO DE 2008
VOLUME 68

MOJO
BOOKS

nirvana

IN UTERO

recontado por

DANIEL FURUNO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE: **BASE-V**

PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **BASE-V**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Serve the servants
2. Scentless apprentice
3. Heart shaped box
4. Rape me
5. Frances farmer will have her revenge on Seattle
6. Dumb
7. Very ape
8. Milk it
9. Pennyroyal tea
10. Radio friendly unit shifter
11. Tourette's
12. All apologies

NIRVANA IN UTERO

LANÇAMENTO: **1993**
SELO: **GEFFEN RECORDS**



IN UTERO

UM

— Puta que pariu, até que enfim!

Apesar do escândalo que ela fez ao entrar, apenas a mocinha do balcão e mais quatro moleques voltaram seus olhos para a mulher trôpega e ofegante parada na porta. Todos os outros clientes da *lan house* estavam usando fones de ouvido. Perderam, portanto, a chance de testemunhar uma das raríssimas ocasiões em que Analu proferiu um palavrão.

Retomou o fôlego e caminhou em direção ao Rato. Tinha passado a última hora de um lado para o outro, em busca do sujeito, e lá estava ele, plantado na frente do computador como se o mundo pudesse desabar sem que ele notasse. Cutucou-lhe o braço e ele imediatamente se virou. Pareceu surpreso ao vê-la e exclamou seu nome num volume inapropriadamente alto. A mocinha do balcão e os mesmos quatro moleques de antes novamente dirigiram seus olhares na direção de Analu. Ela sorriu, sem graça, e fez sinal para que o Rato tirasse os fones de ouvido. Ele obedeceu, cumprimentou-a, mas Analu quis ir direto ao assunto.

— Rato, cadê o Cacá? Achei que vocês tavam ensaiando.

O Rato fazia jus ao seu apelido. Tinha olhos miúdos, que piscavam a toda hora, nariz comprido, orelhas grandes, dentes da frente proeminentes

e usava uns óculos que viviam escorregando. A banda tinha interrompido temporariamente as atividades, ele explicou. Nesse meio tempo, Fred, o baterista, tinha começado a tocar numa banda de *hardcore*. E o Rato ainda estava pensando no que fazer.

— Como assim, a banda acabou? Eu preciso muito falar com o Cacá. Por onde ele anda? É urgente!

Infelizmente, fazia tempo que o Rato não via o Cacá. A última vez que se encontraram tinha sido justamente no dia em que o vocalista anunciou que queria dar um tempo com a banda, dizendo que precisava reavaliar aspectos da sua vida. Isso tinha acontecido apenas algumas semanas depois que Analu e Cacá tinham terminado o namoro. Desde então, passaram-se meses sem que o Rato voltasse a vê-lo ou a falar com ele.

Era o que Analu temia. Cacá tinha ficado mesmo arrasado quando eles terminaram seu relacionamento. Desde que se conheceram, num *show* da banda, ele sempre se mostrou assim: ao mesmo tempo em que era extremamente sensível (e talvez justamente por isso), tinha uma tendência enorme à depressão. Vivía meio distante, imerso em sua introspecção. Analu sabia que, com o fim do namoro, Cacá passaria por maus bocados. Só não imaginava que pudesse chegar ao ponto de largar a banda.

— Pelo amor de Deus, eu preciso falar com ele!

O Rato pediu para Analu se acalmar e quis saber o que estava acontecendo. Ela apenas insistiu que tinha de falar com o ex-namorado, mas o

Rato realmente não podia ajudar, não fazia a menor idéia de onde o Cacá tinha se metido. Talvez o Fred soubesse. Afinal, pelo que o baterista tinha lhe contado por telefone há alguns dias, Cacá tinha aparecido no *show* de sua nova banda.

— Uma pista, ainda bem! Você é um anjo, obrigada!

Deu um beijo na bochecha do Rato e partiu com o mesmo ímpeto da chegada. Ela sabia exatamente onde encontrar Fred.

DOIS

Analu relutou um pouco quando sua amiga Bárbara a convidou para ir àquele clube alternativo. Não era o tipo de lugar que costumava frequentar e, na sua cabeça, pintava o pior retrato possível. Percebeu que estava coberta de razão quando pediu um drinque no balcão. O *barman* lhe serviu um líquido de coloração azul turquesa num copo de plástico. O gosto daquilo lhe deu a impressão de que bebida era feita de anti-séptico bucal e álcool de cozinha.

Preferia um milhão de vezes um programa cultural envolvendo pessoas viciadas em livros, assim como ela. Poderia passar a noite inteira falando sobre seus escritores favoritos, bebendo um bom vinho, ao som de *jazz* ou chorinho.

Mas Bárbara sabia que argumentos usar para convencê-la a ir ao tal clube. Uma pessoa culta não poderia ser preconceituosa. Pelo contrário, tinha de saber conviver com realidades diferentes. E, afinal, como uma jornalista especializada em crítica literária, poderia escrever sobre os autores da nova geração, nascidos na blogosfera, sem nunca ter tido contato com o universo *indie*?

Pois lá estava ela. Analu não pôde deixar de soltar um comentário jo-

coso quando a amiga, numa tentativa de animá-la, disse que naquela noite haveria a apresentação de uma banda ótima. Maravilha! Para ela, *rock* era música primária e burra, feita com os bagos e não com o coração.

Já passava das duas quando Bárbara a puxou pela mão e a arrastou até a pista de dança. Era lá que ia acontecer o tal *show*. Analu encostou-se num pilar, segurando a cerveja, que pediu para tirar da boca o gosto ruim do drinque azul. Enquanto a amiga se amassava com o namorado, ela ficou lá, observando os responsáveis pela barulheira. O baterista era um troglodita cheio de tatuagens no braço. O baixista era um tipinho *nerd* com cara de rato. Mas quem lhe chamou mais a atenção foi o guitarrista e vocalista: um rapaz magro, com cabelos castanhos quase compridos. Tinha um ar sério e compenetrado, mas ao mesmo tempo distante. Seu olhar era triste e perdido e ele agia como se não houvesse mais ninguém ali além dele e da banda.

A banda tocava um *rock* barulhento, mas melódico, que se alternava entre partes pesadas e outras mais lentas. Analu pensou que lembrava um pouco aquela banda americana, do cara que se matou. A acústica do lugar não era das melhores, mas o pouco que ela conseguiu captar das letras a interessou. Seguiam a mesma linha tensa das músicas e os versos lhe pareciam *haikais*.

O vocalista ainda parecia alheio a tudo à sua volta, mas toda aquela aparente fragilidade havia sumido. No palco, ele era a figura central. Cantava de maneira apaixonada, na maior parte do tempo com os olhos fechados;

quando os abria, havia sofrimento ali. E para Analu, nada daquilo parecia ser pose ou encenação.

Vendo a performance daquele cara, ela logo se lembrou dos poetas “mal do século”. Lá pela metade do *show*, Analu flagrou-se movendo o corpo ao som do mesmo *rock* que tanto criticava. Não conseguia tirar os olhos daquela figura hipnótica no palco. Sentiu vontade de aconchegá-lo em seu colo e dizer que a dor iria passar. Queria beijá-lo.

TRÊS

Depois de rodar atrás de uma vaga, Analu estacionou numa ruazinha tranqüila e caminhou uns bons quarteirões até a sobreloja onde funcionava o estúdio de tatuagem. Subiu as escadas e parou em frente à porta com batentes decorados por desenhos de dragões chineses. Tocou a campainha. Uma mulher usando piercing no nariz veio abrir. Ela informou que o estúdio estava fechando. Analu respondeu que era amiga de Fred. A mulher indicou com a cabeça um sofá na sala de espera.

Lá dentro, dezenas de quadros exibiam desenhos dos mais variados, incluindo mais dragões chineses, figuras tribais e carpas coloridas. Caminhou até o corredor de onde podia vislumbrar a sala de tatuagem. O ambiente asséptico, branco, desprovido de quadros ou gravuras, parecia mais uma sala de cirurgia e contrastava com a poluição visual da sala de espera. Fred usava luvas e uma daquelas máscaras de médico e tatuava o pé de uma mocinha que não aparentava mais de dezoito. Ele a viu, acenou e sinalizou que já estava terminando.

De volta à sala de espera, reparou numa outra jovenzinha que folheava uma pasta de desenhos. Provavelmente, era amiga da que estava tendo o pé tatuado. Passados alguns minutos, Fred apareceu. Ele lembrou à menina

dos cuidados a serem tomados com a tatuagem. Ela agradeceu e foi saindo, acompanhada pela amiga.

Fred cumprimentou Analu com a frieza habitual. Apesar de aparentar ser um troglodita, com seus braços musculosos e tatuados e sua cara de poucos amigos, no fundo, era um doce. Analu dispensou os rodeios.

— Escuta, Fred, preciso muito saber onde está o Cacá. É urgente, eu preciso falar com ele.

Como sempre, ele não esboçou qualquer emoção. Contou que fazia tempo que não se viam. Mas ficou sabendo que o vocalista andava mal – tinha voltado a pegar pesado com bebida e drogas. Foi uma surpresa para Fred encontrá-lo no *show* de sua nova banda. Parecia ainda mais magro do que de costume, com os olhos fundos e sem brilho.

— Mas vocês nem chegaram a conversar? Ele não foi falar com você?

O baterista respondeu que sim, que conversaram rapidamente antes do *show*. Cacá parecia estar extremamente cansado, não só fisicamente. Falaram de amenidades e, quando Fred perguntou se ele estava bem, Cacá esboçou um sorriso e respondeu de forma enigmática que tudo se encaixava e que seu plano iria se concretizar.

— Pelo amor de Deus! Você tem certeza que ele usou exatamente essas palavras?

Analu estava transtornada. Fred tentou acalmá-la, disse que achava que sim e perguntou por que aquilo era importante.

— Você não entende? O plano! O plano do Cacá tem a ver com aquela nória dele com o Kurt Cobain!

O baterista não entendeu nada.

— Você não se lembra do que ele vivia dizendo? Fred, hoje é dia 5 de abril de 2004! Exatos dez anos depois da morte do Kurt!

Por um segundo, Fred ficou calado. Depois soltou uma sonora gargalhada. Era a primeira vez que Analu via o baterista rir. Quando finalmente recobrou o fôlego, Fred disse que não sabia quem era mais maluco. Se o Cacá, por alimentar aquela obsessão mórbida pelo líder do Nirvana, ou a Analu, por dar trela para os absurdos do sujeito. Mas Analu não estava achando aquilo nem um pouco engraçado. Só ela sabia do que Cacá era capaz.

QUATRO

Algumas semanas depois, Bárbara ficou ao mesmo tempo chocada e excitada com a notícia. Chocada, porque aquele rapazinho não tinha absolutamente nada a ver com Analu. E excitada, porque talvez um caso com um roqueiro fosse exatamente o que a amiga precisava para dar uma sacudida em sua vidinha monótona.

Ela quis saber detalhes, perguntou quantas vezes já tinham saído, se já tinham trepado. Analu riu e tentou desconversar. Não queria dar o braço a torcer, mas, no fundo, ela também estava empolgada com aquela história.

Não quis contar para Bárbara, mas tinham transado sim. E já na primeira noite, depois daquele *show*. Analu não costumava ir para a cama logo no primeiro encontro. Mas não sabia explicar que tipo de feitiço aquele garoto tinha colocado nela. Talvez fosse o ar desamparado e os olhos de menino que despertavam nela o instinto maternal.

Naquela noite, depois que a banda encerrou a apresentação, numa barulheira infernal, Analu se aproximou do palco e ficou esperando uma brecha para se aproximar. Não sabia exatamente o que dizer. Apresentou-se ao vocalista e elogiou sua performance. O rapaz sorriu timidamente e

agradeceu, mas continuou concentrado em recolher seu equipamento. Analu ficou um pouco desapontada e continuou a tentar puxar assunto, sem muito sucesso. Estava quase desistindo, quando disse:

— Ah, e gostei das letras. Seus versos parecem *haikais*.

Dessa vez conseguiu chamar sua atenção. O rapaz ficou intrigado e perguntou qual era seu nome. “Analu”, ela disse. “Cacá”, ele respondeu, “muito prazer”. Conforme foram conversando, o interesse dele parecia aumentar, especialmente quando Analu contou que era jornalista e trabalhava como crítica literária, escrevendo resenhas numa conhecida revista.

Analu sentiu-se lisonjeada quando, em diversas situações, Cacá dispensou rapidamente amigos e pessoas próximas só para poder continuar a conversa com ela. O papo entre os dois fluía e ela foi se sentindo cada vez mais atraída pelo rapaz, que, aos olhos dela, ficava ainda mais charmoso quando soprava a fumaça do cigarro e discorria sobre a *Lira dos vinte anos*.

Ela ofereceu-lhe uma carona para casa. Analu tinha decidido que recusaria um eventual convite para subir. Mas uma vez que começaram a se beijar no carro, em frente ao prédio dele, não pôde mais parar. Transaram ali mesmo, com uma urgência adolescente. E foi também como uma adolescente que se sentiu quando Cacá telefonou para ela no dia seguinte.

Passaram a se ver todos os dias. Ocupavam-se de sexo, bebida e longas conversas sobre os mais variados assuntos. Ela não conseguia evitar o sorriso que escapava a cada vez que o ouvia falar apaixonadamente sobre

sua música. E começou mesmo a se interessar pela banda. Abandonou os cafés e saraus que freqüentava e os trocou por *shows* em lugares ainda mais obscuros e enfumaçados que aquele do primeiro encontro.

A certa altura, chegou a ficar assustada com a rapidez com que as coisas estavam acontecendo. De uma hora para outra, tinha deixado de ser a garota independente e auto-suficiente para se tornar a namorada do cantor e compositor de uma banda de garagem.

CINCO

Depois de alguns telefonemas, Fred descobriu que Cacá havia sido despedido do emprego e, por não ter mais como pagar o aluguel, tinha voltado a morar com a mãe.

— Essa história tá ficando cada vez pior...

Analu sabia que se mudar de volta para a casa da mãe era a última coisa que Cacá queria. E imaginava o quanto ele deveria estar se sentindo humilhado por ter de fazê-lo. Fred continuava achando aquilo tudo um exagero, mas diante dos insistentes pedidos de Analu, tinha aceitado ajudá-la a encontrar o ex-parceiro de banda. E como ela estava bastante transtornada, hesitou antes de contar para ela que Cacá tinha sido visto várias vezes na companhia do Péba.

O Péba era um playboyzinho drogado, que, para sustentar o vício, tinha começado a traficar toda sorte de bagulhos e mercadorias ilegais. Analu não se preocupava tanto com a questão das drogas. Sabia que Cacá não cometeria nenhum exagero – afinal, Kurt Cobain não morreu por *overdose*. O que realmente a preocupava era o fato de que, graças aos “negócios” do Péba, não seria muito difícil para Cacá conseguir uma arma.

Fred tentou acalmá-la, dizendo que ele não era tão doido assim a ponto

de estourar os miolos. Provavelmente, aquela história de se suicidar no mesmo dia que o Kurt era só mais uma das excentricidades do sujeito. E, naquele momento, Cacá deveria estar chapado demais para se lembrar que hoje era o aniversário de morte de seu ídolo.

Mas o baterista jamais conseguiria entender. Analu sabia que a relação era muito mais doentia do que apenas entre fã e ídolo. Cacá era obcecado pelo líder do Nirvana. Praticamente entrou em colapso quando recebeu a notícia de que ele havia se suicidado. Passou uma semana sem sair de casa, escutando incessantemente o derradeiro álbum do Nirvana, *In utero*. Não se cansava de repetir que havia uma ligação cármica entre eles. Cacá nasceu no dia 20 de fevereiro de 1977, exatamente dez anos depois de Kurt. E, para “completar o ciclo”, como ele mesmo dizia, deveria se matar no mesmo dia em que Kurt, dez anos depois.

No começo, Analu achava graça, pensava que era apenas mais uma amostra do seu senso de humor perturbado.

— Fred, preciso te contar uma coisa. O Cacá... Ele... Ele deixou um recado na minha secretária eletrônica hoje de manhã...

O baterista quis saber que tipo de recado era.

— Não sei direito, ele parecia chapado, pra variar. A voz tava distante, não deu para entender direito o que ele disse. Mas consegui distinguir claramente quando ele cantou um trecho daquela música, “Hey na na”, do Nirvana... Aquela da carta suicida do Kurt.

Fred balançou a cabeça e explicou que Analu estava confundindo tudo. *Hey na na* era o nome de um disco dos Paralamas do Sucesso. O nome da música a que ela estava se referindo era “Hey hey, my my”. E não era do Nirvana, era do Neil Young. Foram versos dessa música que o Kurt citou em sua carta suicida.

— Bom, que seja. Foi essa música que fala “hey, hey” no refrão.

Analu era uma negação para lembrar nomes de músicas. Ela se confundia toda, isso quando não trocava as próprias músicas. Em contrapartida, por ser uma crítica literária e tarada por livros, ela era capaz de citar com perfeição trechos de uma centena de obras e ainda se lembrar de detalhes minuciosos da biografia de muitos escritores.

— Fred, tudo bem que você não acredite em mim. Mas o fato é que o Cacá cantou pra mim no telefone, como se quisesse me avisar sobre o que ele vai fazer. Tô com um pressentimento ruim de verdade. Você sabe se a mãe do Cacá ainda mora no mesmo endereço?

SEIS

Com o tempo, Analu começou a reavaliar a relação. Para começar, sentia que só ela abria concessões. Trocava de bom grado a companhia de seus amigos e os convites para os programas outrora imperdíveis pelos shows da banda de seu namorado. Apesar de aquela atmosfera dos clubes alternativos ser, de vez em quando, bastante enfadonha para ela, sentia-se na obrigação de apoiar Cacá.

A recíproca não era verdadeira. Analu perdeu inúmeros coquetéis de lançamentos de livros, cujos convites descolava na redação da revista. Chamava o namorado, na esperança de que a possibilidade de beber de graça pudesse soar como uma proposta atraente. Que nada. Ele vinha com aquele papo de que os verdadeiros escritores eram aqueles que lançavam suas obras por editoras mequetrefes sem grana para esbanjar em festinhas para os críticos.

Além dessa teimosia e de seu caráter extremamente anti-social, Analu aos poucos se cansava das constantes mudanças de humor do namorado. Num dia, ele estava animado e falante. No outro, tornava-se calado e agressivo sem nenhum motivo aparente. Parecia nutrir um profundo ódio contra o mundo inteiro. E, muitas vezes, nem ela era poupada.

Num belo dia, quando ela mesma estava num momento de mau-humor, resolveu puxar o assunto Nirvana para propositalmente iniciar uma discussão. Perguntou por que Kurt Cobain era tão revoltado. Cacá respondeu que ele não era revoltado. Era, antes, uma pessoa angustiada, que não conseguia encontrar seu lugar no mundo. Que era fruto de um lar desestruturado. Que sofria de um problema crônico no estômago, que lhe provocava dores insuportáveis.

— Meu pai se separou da minha mãe. E ele tinha úlcera. Mas nem por isso se matou com um tiro na cabeça.

Ele apenas sorriu, complacente, como se estivesse tentando explicar física quântica para uma criancinha de oito anos. Analu detestava quando ele fazia aquilo.

— Acho que o problema do Kurt era que ele usava drogas demais. O cérebro dele deve ter virado mingau. E acho que, na verdade, ele se matou num lampejo de consciência.

Cacá disse que o suicídio tinha sido planejado nos mínimos detalhes, coisa que alguém com mingau no lugar do cérebro jamais conseguiria fazer. E que as drogas eram apenas uma maneira de escapar da realidade que tanto o atormentava.

— Bom, ele era um covarde então?

Respondeu que dependia do ponto de vista. Naquele momento, parecia que ele começava a se aborrecer. Analu achou aquilo ótimo.

— Sinceramente, não entendo muito esse lance de “ligação cármica” que você tanto fala. Não há justificativa pra você se matar no mesmo dia que o Kurt. Se isso acontecesse, seria apenas imitação e não uma profecia ou o que quer que seja.

Ele se levantou da cama e gritou que não era imitação nem profecia. “Era carma. Car-ma!”

— Que seja! Mas olha lá pro seu pôster. A única semelhança entre vocês é a data de nascimento. Vocês não se parecem em nada. O Kurt era canhoto, você é destro. Ele era de Seattle. Você é de São Paulo, uma cidade do Brasil.

Cacá interrompeu-a, dizendo que Seattle podia não ser tão grande quanto Nova York ou Los Angeles, mas ainda assim era a maior cidade no noroeste dos EUA. Além disso, Kurt era de Aberdeen, nos arredores de Seattle. E ele, Cacá, tinha nascido em São Bernardo do Campo. Ou seja, ambos vieram de cidades menores nas proximidades de um grande centro urbano. Acrescentou que o fato de um ser destro e o outro canhoto era irrelevante.

— Ah, mas ele namorava uma doida drogada que nem ele, não é mesmo? Você não tem uma namorada *junkie*.

Cacá foi obrigado a concordar. Disse que aquela era realmente a única peça que não se encaixava em seu plano. Ele não tinha uma Courtney Love em sua vida.

— Garanto que se o Kurt tivesse uma namorada como eu, não teria se suicidado.

Cacá sorriu e voltou a se deitar na cama. Aquele início de briga foi abortado com um beijo.

SETE

Analu gostava daquele bairro. Pensou que, quando ficasse velhinha, seria bom morar ali. Era bem localizado, mas ainda guardava algumas características de vila. Era o caso daquela rua tranqüila, na qual já havia estado anteriormente, em frente àquele mesmo portão baixinho de ferro. Era onde morava Dona Neuma, mãe de Cacá.

Tocou a campainha. Depois de alguns minutos, Dona Neuma apareceu. A velhinha fez festa para recebê-la. Na época em que namorava Cacá, Analu se dava muito bem com a sogra. Dona Neuma vivia dizendo que, graças a Analu, o filho parecia “mais corado e disposto”.

Na sala, a velhota começou a falar sem parar. Comentou sobre como o bairro tinha ficado violento. Outro dia mesmo, havia ocorrido um assalto na casa ao lado, um ladrão tinha entrado lá e feito os moradores de reféns. Analu achou melhor introduzir o assunto.

— Dona Neuma, desculpe interromper, mas o que me traz aqui é um trabalho urgente que preciso entregar amanhã. E pra isso, tenho que consultar um daqueles meus livros, sabe? Como não o encontro em casa e nem em lugar nenhum, achei que talvez pudesse ter ficado com o Cacá.

A velhinha sorriu e disse que o filho bobeara por ter perdido uma namo-

rada tão fina e culta. Disse que não sabia de livro nenhum, mas pediu que Analu se sentisse à vontade para procurá-lo no meio das coisas do Cacá. Ele não estava – tinha passado o dia inteiro fora de casa - e nem sequer havia avisado aonde ia. Analu agradeceu e subiu as escadas.

Um ar de nostalgia envolvia o quarto do ex. Reconheceu vários dos objetos – a guitarra, o amplificador, o aparelho de som, o CDs... E a cama. Passou alguns instantes observando o ambiente. O cheiro dele estava lá, no lençol e na camiseta jogada em cima da cômoda. Começou a vasculhar gavetas e armários.

Fitou-se no espelho que havia na parede. Não se achava muito bonita, mas gostava do jeito que seus traços formavam um conjunto até que harmonioso. Olhou seu corpo. Os trinta anos de idade completados há poucos meses se anunciavam com alarde. Na barriguinha que não conseguia perder. Nos seios, já não tão firmes quanto antes. Nas marcas de expressão no rosto.

Interrompeu aquele auto-exame e olhou para o pôster promocional do *In utero* pregado na porta do quarto. Cacá o havia surrupiado de uma loja de discos. Ela se lembrou do dia em que anunciou que queria terminar o namoro. Naquela ocasião, surpreendeu-se com a aparente calma com que Cacá reagiu. Logo se deu conta de era apenas um mecanismo de defesa. Cacá tinha o péssimo hábito de guardar tudo para si, de não extravasar seus sentimentos na hora. Ele ficava remoendo as mágoas, sozinho, durante

dias, semanas, meses.

Analu então disse que preferia que ele botasse tudo para fora de uma vez, que gritasse, esperneasse e xingasse. Cacá respondeu que era melhor ela apenas ir embora. Analu protestou, mas caminhou até a porta. Antes de sair, olhou para aquele mesmo pôster. Aquela foi a última imagem que ela guardou quando decidiu sair da vida de Cacá. E as últimas palavras que ela dirigiu ao namorado foram:

— É melhor assim mesmo. Você ainda tem que encontrar sua Courtney Love.

Analu sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar aquelas lembranças. “Credo” – aquele ambiente estava mexendo demais com suas emoções. Voltou a vasculhar o quarto. Depois de algum tempo, o encontrou. Estava escondido no vão embaixo da última gaveta do armário de roupas. Apesar de saber exatamente o que tinha ido procurar ali, não conseguiu conter o espanto. Analu ficou ali parada, segurando o revólver com o qual, ela sabia, Cacá pretendia tirar a própria vida.

OITO

Despediu-se de Dona Neuma e esperou que ela entrasse de volta na casa. Caminhou até a esquina e deu uma última olhada para trás. Correu até a lanchonete que ficava na esquina oposta. Analu estava aliviada. Sentou-se no balcão e, animada, pediu um café e um pão com manteiga na chapa. Não havia comido nada o dia inteiro.

Abriu discretamente a bolsa e deu uma espiadinha, como que para se certificar que tinha mesmo roubado o revólver. Lá estava. Depois de encontrá-lo no esconderijo no quarto de Cacá, guardou-o na bolsa, desceu as escadas e mentiu novamente para Dona Neuma. Disse que não havia encontrado o livro, mas lembrou-se que talvez o tivesse emprestado para uma amiga. Agradeceu a atenção e despediu-se.

Analu riu sozinha. Sem o revólver, o idiota do Cacá não poderia concretizar o tal plano. Pensou que devia ficar ali na lanchonete, esperando a hora em que ele voltasse e então confrontá-lo. Talvez ele até ficasse feliz em vê-la.

Olhou para a casa, depois para as esquinas. Nada. Sentiu-se como uma personagem de romance policial, em campana atrás do suspeito principal de um crime. Apesar de saber que Agatha Christie não tinha muito valor

literário, ela adorava. Qualquer pessoa, por mais refinado que seja seu gosto musical, tem sempre uma música brega que cantarola secretamente. É como gostar de Cartola e um dia pegar-se assobiando um daqueles pagodinhos mela-cueca das FMs. Para Analu, Agatha Christie era seu pagodinho.

Estava perdida nesses pensamentos quando viu uma figura se aproximando ao longe. Parecia Cacá: o mesmo jeito de caminhar, com as costas ligeiramente arqueadas, o mesmo jeito de jogar o cabelo. Mas estava acompanhado. Largou o copo de café no balcão, levantou-se e foi até a porta da lanchonete para olhar melhor.

Era Cacá, sem dúvida. Àquela distância, já podia distinguir seus traços. E pior, podia reconhecer a camisa xadrez que ela um dia havia lhe dado. Estava de mãos dadas com uma garota ridícula, de mini-saia, coturnos, blusinha rasgada, tatuagens nos braços, piercing no supercílio e mechas vermelhas no cabelo com franjinha.

Sentiu o sangue ferver e a cabeça latejar. Tremia muito quando abriu a bolsa, pegou uma nota de dez reais e colocou em cima do balcão. Sem esperar o troco, foi andando em direção ao casal.

Os dois encostaram-se no muro da casa de Cacá e começaram a se beijar. Filho da puta! Analú tinha passado o dia inteiro que nem uma imbecil procurando por ele, atormentada com a idéia de que ele pudesse estar planejando se matar. Preocupada, falando com seus amigos, investigando sobre seu paradeiro. Tinha ido até sua casa e falado com sua mãe. E esse

filho da puta tinha estado o tempo inteiro com uma vadia! Analu imaginou Cacá trepando com aquela vaca. Imaginou os dois rindo dela.

Analu se aproximou. Cacá a viu e a reconheceu. Fez uma cara de espanto. Perguntou o que ela estava fazendo ali, mas não ouviu a resposta. Ao invés disso, Analu abriu novamente a bolsa, sacou o revólver, apontou para Cacá e puxou o gatilho repetidas vezes.

NOVE

Fred estava certo: Cacá não tinha se dado conta de que era dia 5 de abril de 2004. Nem se lembrou que aquela era a data que ele havia estipulado para sua própria morte. Nem pensou em Kurt Cobain.

Ou melhor, pensou. Cacá estava feliz. Tinha conhecido a garota dos seus sonhos. Alguém que o entendia, amava sua música e fazia parte do seu mundo. Frequentava os mesmos lugares, tinha amigos em comum. Gostava dos mesmos livros e das mesmas bandas, curti as mesmas drogas que ele. Cacá tinha, enfim, encontrado sua Courtney Love.

Foi a isso que ele se referiu quando foi ao *show* da nova banda de Fred. Aquele papo de que “tudo se encaixava” e que o “plano iria se concretizar”, era disso que estava falando. Com sua Courtney ao seu lado, estava inspiradíssimo, cheio de novas composições, ansioso para voltar com a banda. E aquele aparente ar de cansaço que Fred havia captado no vocalista era, na verdade, apenas “dor de cotovelo”. Cacá sentia-se enciumado pelo fato de seu baterista ter um novo projeto musical.

Cacá estava chapado quando resolveu telefonar para Analu. Deixou um recado na secretária eletrônica, dizendo que havia seguido seu conselho e encontrado a sua Courtney. Ele agradeceu por tudo e cantou o refrão

de “Heart shaped box”, do Nirvana. A tal música que fala “hey, hey”. Realmente, Analu era uma negação para lembrar nomes de músicas. Ela se confundia toda.

Como a Dona Neuma tinha começado a contar, fazia poucas semanas que um ladrão havia entrado na casa vizinha e feito os moradores de reféns. A mãe de Cacá tinha ficado apavorada. E o filho também. Num momento de paranóia proporcionado pela cocaína, pediu ao Péba que lhe arrumasse um revólver. Depois, percebeu que aquilo tinha sido uma cagada e escondeu a arma no vão embaixo da última gaveta do seu armário, pensando em como se livrar dela.

Os médicos disseram que o estilhaço de uma das balas tinha se alojado numa região muito próxima a um dos nervos no braço direito de Cacá, impedindo sua remoção. Justiça poética. Toda vez que Cacá fosse tocar guitarra, se lembraria de Analu. E sentiria dor.

Durante o processo por tentativa de homicídio, o advogado de Analu alegou que sua cliente havia passado por um “surto psicótico breve”. Para sustentar essa argumentação, Analu decidiu se internar num hospital psiquiátrico. Mas fez isso só por causa do processo. Não achava que precisava de ajuda. Ela não era louca. Apenas se sentia traída.

Analu se lembrou de Euclides da Cunha, o autor de *Os sertões*. Ele também tinha sido traído. E também tinha buscado vingança. No dia 15 de agosto de 1909, o escritor se envolveu num duelo com seu rival, Dilermando,

o amante de sua esposa, que infelizmente tinha melhor pontaria. Euclides acabou morrendo baleado. Analu gabava-se de conseguir se lembrar de detalhes minuciosos da biografia de muitos escritores.

Sentia existir uma forte ligação cármica entre ela e Euclides da Cunha. Afinal, ambos tinham nascido no mesmo dia, 20 de janeiro. Ela tomou seu remédio e voltou a maquinar seus planos. O mês de agosto estava se aproximando e Analu tinha de fazer uma visitinha surpresa para a namorada de Cacá.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br